

ENÍGMAS NA PAIXÃO SEGUNDO G.H.

PEREIRA, Camilla Mendonça Pereira

milla_m_p@hotmail.com

SILVA, Marina Lima

marinalima_silva07@hotmail.com

SILVA, Paula Samanta Rabelo

paulinhasamanta@hotmail.com

MACHADO, Danilo Maciel (Orientador)

danilo_let@hotmail.com

RESUMO

Este estudo busca mostrar possibilidades de diálogo entre personagem e leitor evidenciando através dos símbolos metafóricos existentes na narrativa e o comportamento do ser humano em seu mundo paradoxal com suas inquietações. Nesta obra “A Paixão Segundo G.H.” a personagem principal que é inserida na história pelas suas iniciais G.H., se relaciona com o leitor – criando assim um diálogo entre personagem e leitor. Aborda o contexto histórico, o surgimento de ciências, artes e literatura pós-moderna. A sociedade passou a refletir sobre a existência humana e seus aspectos filosóficos. A expectativa é para que haja maior conscientização por parte dos leitores a respeito desse tema e que a partir disso possa entender com mais clareza e objetividade os enigmas existentes na obra.

PALAVRAS- CHAVE: Metalinguagem, Enigmas, Símbolos.

ABSTRACT

This study seeks to demonstrate the possibilities of dialogue between reader and character showing through the metaphoric symbols existing in the narrative and human behavior in his paradoxical world with their concerns. In this work, "The Passion According to GH" the main character that is inserted into the story by his initials GH, relates to player thus creating a dialogue between character and reader. Discusses the historical context, the emergence of science, art and postmodern literature. The society began to reflect on human existence and its philosophical aspects. The expectation is for greater awareness on the part of readers about this topic and you can understand from it with more clarity and objectivity puzzles existing in the work.

KEYWORDS: Metalanguage, Puzzles, Symbols.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade evidenciar a ideologia existente na obra "A Paixão Segundo G.H. através dos símbolos expostos pela narrativa da personagem G.H., o qual usa de um discurso misto, ora poético, ora filosófico, o qual mostra-nos através de uma linguagem ilimitada as infinitas interpretações".

O tema foi escolhido a partir da metalinguagem figurada, exemplificada através de símbolos pela narradora e personagem, para expressar sua própria existência humana. Na narrativa pode-se encontrar a presença do fluxo de consciência, a ruptura com as regras literárias: o conceito de verossimilhança,

a linearidade, em que na obra não existe começo, meio e fim. É importante salientar a questão da metalinguagem figurada usada pela narradora para o leitor. O mesmo passa a refletir sobre sua existência e identificação.

O que nos motivou a pesquisar sobre esse tema foi à introspecção utilizada por Clarice Lispector em seu romance, além disso, a sua linguagem é vista como um elemento paradoxal e totalmente complexo. Aliando-se a todas essas questões nos especulamos que com todas as características impostas por Clarice Lispector em nosso trabalho, possamos assim, saber ter um bom argumento e embasamento teórico diante das situações do cotidiano, como ensinar sobre interpretação textual em romances, habilitando o ensino da literatura para trabalhar esta interpretação em relação aos enigmas existentes na obra “A Paixão Segundo G.H.”, visando assim atingir os valores existenciais humanos. Assim, o intuito deste trabalho, é resgatar de certa forma a finalidade dos enigmas, contribuindo para a compreensão dos mesmos.

CONTEXTO HISTÓRICO

Clarice Lispector se destaca na prosa no século XX, pós- modernismo foi à época em que ocorreram todas as modificações seja na literatura, artes, ciência, essas tais mudanças influenciaram o pensamento da maioria das pessoas. A sociedade de modo geral criticamente começa a apontar sobre o comportamento do homem e seus aspectos. Nesta época pós- moderna Clarice Lispector aproxima-se de James Joyce, Virginia Woolf e Faulkner. Seu Fluxo de consciência compoendo com o enredo factual. O momento interior é o tema mais importante, junto à subjetividade da sua escrita. Amostras do mundo de forma metafísica e a exploração do eu. Um novo sentido de liberdade a partir da sua leitura do mundo. A maioria das personagens está diante de uma situação do cotidiano e acontece algo, um evento que ilumina a vida um tipo de aprendizado e descoberta. E aí ocorre o desfecho com a situação da personagem após esse evento simbólico na obra. Assim acontece em “A Paixão Segundo G.H.” onde a personagem G.H começa narrando sua vida no cotidiano.

OS SÍMBOLOS

A obra PSGH¹ descreve uma experiência vivida por uma mulher de um nível social relativamente elevado, mas apresentada apenas por suas iniciais (G.H.). A história inicia com sua preparação mental, a personagem se encontrava desequilibrada e com perturbações mentais em toda narrativa, até então, criar em sua mente objetos representativos, os quais deram sentidos a sua vida e o leitor ao se identificar com a obra irá perceber que G.H. criou em sua imaginação esses objetos para lhe servir de estímulo e se conscientizar da sua própria identidade, dando uma grande importância a estes símbolos.

A linguagem utilizada na obra é bastante figurativa, acompanhada de símbolos, e a composição lembra-se a narração de um sonho. Não se trata de um texto linear, mas uma narrativa que faz o texto parar no tempo. Este tipo de romance é introspectivo.

A obra é considerada um romance de formação para os seus leitores.

Desculpa eu te dar isto, eu bem que queria ter visto coisa melhor. Toma o que vi, livrai-me de minha inútil visão, e de meu pecado inútil. Estou tão assustada que só poderei aceitar que me perdi se imaginar que alguém me está dando a mão. (pág. 17)²

Ela reconhece toda sua impotência, seu existencialismo e o seu valor como ser humano. De acordo com Emília Amaral em “O leitor segundo GH”:

O leitor não se coloca na posição de herói, mas se incorpora ao que sucede a este. (pág. 33)³

Ao se identificar o leitor decifrará o primeiro enigma (a terceira perna, que servirá como alicerce ao longo da narrativa), o qual é multidimensional,

¹ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

² LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

³ AMARAL, Emília. **O Leitor Segundo G.H.:** Uma análise do Romance “A Paixão Segundo G.H.”. – Cotia São Paulo: Ateliê Editorial.

porém mostra a ideia geral, a união de dois princípios opostos ocorrendo o estranhamento e depois o reconhecimento com o enigma primordial, a barata.

Os dois opostos vividos por GH são simbolizados através de uma metalinguagem figurada, o qual mostra sua ruptura com o passado de insignificância e alienação, pelo reconhecimento de sua existência humanizada afastando-se da cegueira do cotidiano, outro enigma que lhe prendia a um mundo individualista, ocorrendo à necessidade de entender, e atribuir sentido para sua vida.

A hora de viver é tão infernalmente inexpressiva que é o nada. Aquilo que eu chamava de “nada” era, no entanto tão colado a mim que me era...eu. (pág. 79)⁴

Neste reflexo, GH reinventa sentidos para sua vida através da desaprendizagem, das ideias e normas que tinha construído, ou seja, uma visão de acordo com a racionalidade que sempre deve afirmar a constatação e a argumentação através da auto-avaliação, reconhece-se na verdadeira compreensão pela capacidade de identificar seja insuficiência. Segundo Edgar Moran: “A racionalidade e a melhor proteção contra o erro e a ilusão”⁵, e podemos perceber isso no início do romance “A Paixão Segundo GH”:

Fico tão assustada quando percebo que durante horas perdi minha formação humana... Sei que precisarei tomar cuidado para não usar sub-repetidamente, uma nova terceira perna. (pág.17)⁶

Neste contexto, GH teme que o reconhecimento possa designar outro erro de sua própria percepção, pois quando esse reconhecimento está projetado de nossos medos, ou seja, sentimentos humanos e perturbações mentais aumenta o risco de “erro”.

⁴ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

⁵ MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. 3º Ed.- SP. – Cortes; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

⁶ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

G.H. busca em si mesma a introspecção da sua identidade e as razões de viver, de sentir e amar. Ao vê a barata, ela (G.H) acha nela uma grande razão, uma motivação de uma longa e difícil avaliação de sua própria existência, sempre resguardada, e muito acomodada.

Janair a ex- empregada passa a ser o motivo pelo ódio, praticamente um próprio ser insignificante tanto quanto o inseto (a barata). Esse ódio seria porque G.H. tinha uma ideia totalmente contrária da doméstica ligada à pobreza se contradizendo com o que ela pensava a respeito das classes desprivilegiadas, esta atitude discriminatória de ligar a pobreza e a imundice, fazendo falso juízo às condições de zelo daquela empregada, assim ela acaba por frustrar-se quando entra no quarto e não o encontra do jeito em que ela idealizava.

Seu desejo de vingança a partir daí servira para abrir os olhos, para o mundo exterior o qual ela não conhecia, fazendo- lhe sair daquele seu mundinho, em que vivia saindo um pouco do individualismo de classes, passando a ter uma ideologia de vida própria. G.H. utiliza de um tom irônico, quando se refere ao quarto e a empregada:

Foi quando inesperadamente conseguir lembrar seu rosto, mais é claro, como pudera esquecer? Revi o rosto preto e quieto, revi a pele inteiramente opaca que mais parecia um de seus modos de se calar, a sobrancelha extremamente bem desenhada revir os traços finos e delicados que mal eram divisados no negror apagado da pele.

Os traços – descobrir sem prazer – eram traços de rainha. E também a postura: o corpo ereto, delgado, duro, liso, quase sem carne, ausência de seios e de ancas.

– arrepiei-me ao descobrir que até agora eu não havia percebido que aquela mulher era uma invisível. Janair tinha quase que apenas a forma exterior, os traços que ficavam dentro de sua forma eram tão apurados que mal existiam: ela era achatada como um baixo- relevo preso a uma taboa.⁷

⁷ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

(LISPECTOR, 1998, pág. 40- 41)

G.H. também utiliza de uma linguagem desrespeitosa em relação à empregada Janair, compondo assim uma mulher mal feita, negra e insignificante.

Como se já não bastasse esse tom irônico que ela utiliza seu autoritarismo diante das pessoas e das coisas, ela aos poucos vai se distanciando da humildade quando começa a descrever o seu belo apartamento na cobertura, mostrando seu nível social elevadíssimo, pois só pessoas que tem um nível alto moram em coberturas com vistas exuberantes, G.H. desta forma mostra que vive no topo da pirâmide social, fazendo um antagonismo e refletindo a partir daí todo seu existencialismo na terra com as suas coisas materiais:

de lá domina-se uma cidade. Quando essa elegância se vulgarizar, eu, sem sequer saber por que, me mudarei para outra elegância? Talvez. Como eu, o apartamento tem penumbras e luzes úmidas, nada aqui é brusco: um aposento precede o outro e promete outro. Da minha sala de jantar eu via as misturas de sombras que preludiavam o living.

(LISPECTOR, 1998, pág. 40)

Com o descontento ao vê o quarto humilde em que a empregada vivia, G.H. pensa em fazer uma faxina geral, na verdade uma higienização:

Até que me forcei a um ânimo e uma violência: hoje mesmo aquilo tudo teria que ser modificado.

A primeira coisa que eu faria seria arrastar para o corredor as poucas coisas de dentro. E então jogaria no quarto vazio, baldes de água que ar duro sorveria, e finalmente enlamearia a poeira até que nascesse umidade naquele deserto, destruindo o minarete que sobranceava altaneiro um horizonte de telhados. Depois jogaria água no guarda roupa para engorgitá-lo num afogamento até à boca- e enfim, enfim veria a madeira começar a apodrecer. Uma cólera inexplicável, mas que me vinha toda natural me tomava: eu queria matar alguma coisa ali.

E depois, depois eu cobriria aquele colchão de palha seca com um lençol mole, lavado, frio, com um de meus próprios lençóis que tinham minhas iniciais bordadas, substituindo o que Janair devia ter jogado no tanque.

(LISPECTOR, 1998, pág. 43- 44)

Em a PSGH⁸, a narrativa subverte ironicamente o sentido cristão do padecimento imposto para nos testar, impondo GH a tentação através de uma barata.

Provação: significa que a vida está me provando. Mas provação significa que eu também estou provando. E provar pode se transformar numa sede cada vez mais insaciável. (pág. 84 A paixão segundo GH)

E a provação de GH carrega dois sentidos, experimentar, sentir o gosto, mas também experimentar sofrimento, da prova ou testemunho de uma realidade. GH é submetida a uma experiência de sofrimento e revelação, e também uma experiência de provar, experimentar pelo gosto.

O aparecimento de uma barata não foi banal, foi isso que fez com que GH revelasse seu verdadeiro caráter e comete um pecado.

Tudo aqui é réplica elegante, irônica e espirituosa de uma vida que nunca existiu em parte alguma: minha casa é apenas uma criação artística. ⁹(pág. 21 A paixão segundo GH)

GH é a personagem principal desta narrativa, trata-se de uma mulher presa às noções de bom senso, beleza e ordem. Sua classe social é representada em sua realidade e reflete em seu apartamento.

Tomada por um desejo profundo de ordenar, decide arrumar o quarto da empregada que se demitira no dia anterior. Ao entrar no quarto ela se surpreende por está em um ambiente limpo, vazio e seco. O quarto continha apenas uma cama, um velho guarda-roupas, algumas malas e um desenho na parede feito de carvão de um homem, uma mulher e um cão. Nenhum desses

⁸ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H...** Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

⁹ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H...** Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

elementos alterava o vazio existente no quarto, ele apresentava um vazio que incomodava. Neste momento G.H. percebe o mundo em que vivia e o mundo que passa a viver.

A decisão de GH em ir limpar o quarto é uma tentativa de reintegração de posse daquele ambiente, que frustrou-se ao ver a barata. A barata tem um sentido simbólico, mas aqui ela é um ser real, responsável por causar medo e nojo em mulheres. A mesma representa vida naquele quarto vazio. É ela quem desencadeia a tentação em GH.

A presença do animal provoca a capacidade de violência em GH, o desejo de matar, diante do nojo. Matar a barata seria o modo com o qual ela tenta trazer de volta o mundo como ela conhece. Depois de dar vários golpes com a porta do guarda roupas ela ainda não consegue matar, o animal ainda vivo expele uma massa branca.

GH gostava do ambiente que ela idealizava e ignorava diante dos seus olhos. Janair a empregada sempre foi um dos habitantes do quarto a quem GH sempre tratou com indiferença. A barata e a empregada então se tornaram os seres em que ela sentia ódio e repugnância. A barata assemelha-se a uma mulata.

A morte da barata pode ser Janair, mas também pode ser a própria GH. A provação de GH é aceitar e reconhecer a vida em todas as formas, depois de passar pelo sofrimento. A provação, no entanto, o levará a cometer o pecado.

O pecado renovadamente é este: tenho que cumprir a minha lei que ignoro, e se eu não cumprir a minha ignorância, estarei pecando originalmente contra a vida. (pág. 63 A paixão segundo GH)¹⁰

Após matar a barata GH, vive uma experiência de repugnância e sedução, um misto de nojo e fascínio. A personagem percebe que há algo comum, primeiro que é matéria bruta de todos os seres. Até esse momento, ela não era capaz de reconhecer vida além dos limites da sua classe social.

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

Os seus sentidos estavam viciados pelo gosto pela “Sentimentação: neologismo criado por GH para indicar criação de sentimento.” A ingestão da massa da barata representa o ponto máximo deste pecado. Este pecado revela nossa natureza fraca, nossa inclinação para o mal, que como criatura nos pecamos e falhamos. Essa possibilidade entre fazer o mal e fazer o bem nos torna responsável pelos atos que cometemos.

Segundo a psicologia e sociologia, o pecado é um instrumento utilizado pela igreja para provocar no homem a consciência sobre seus atos, portanto, este conceito é ligado à concepção cristã sobre o mundo.

Provando a barata GH se colocou do mesmo nível deste ser. Para ela, no entanto, o pecado representa uma possibilidade de redenção. Ingerir a barata representa uma possibilidade de arrependimento por ter dispensado a empregada Janair.

Então- então pela porta da danação eu comi a vida e fui comida pela vida. Eu entendia que meu reino é deste mundo. E isto eu entendia pelo lado do inferno em mim. Pois em mim mesma eu vi como é o inferno. (pág. 77 A paixão segundo GH)

É fato quando G.H prova a barata conhece o inferno, um inferno que só existe nela mesma. Isto significa simplesmente a aceitação da dor, a falta de piedade pelo ser humano. Este inferno é como uma punição em forma de questionamento sobre a existência, essa experiência vivida por GH é compreendida em termos paradoxais, um misto de dor, lágrimas e de risos.

GH percebe que o ser humano se transformou num ideal, quando deveria ser o modo pelo qual seguimos simplesmente aquilo que é o ser humano.

O mundo não tem intenção de beleza, e isto antes teria me chocado: no mundo não existe nenhum plano estético, nem mesmo o plano estético da bondade, e isto antes me chocaria. A coisa é muito mais que isto. O Deus é maior que a bondade com sua beleza.¹¹ (pág.102 A paixão segundo GH)

¹¹ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid-São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

Toda ideia de humanização baseia-se apenas em uma esperança, dias melhores, uma vida melhor. Em um outro lugar em um outro tempo. É preciso ser o já, afirma GH.

Assim, depois de mergulhar em um abismo da consciência humana através de rituais místicos vividos por GH. Esta experiência é realizada na prática diária cotidiana, através do reconhecimento da vida e do divino. O divino para GH é o real, não há alma imaterial, o milagre é uma anomalia.

No inferno do seu próprio reconhecimento GH reconhece que: “Eu não sou tu, mas mim és tu. Só por isso é que jamais poderei Te sentir direito: porque és mim.” (pág. 85 A paixão segundo GH)

Essa afirmação mostra o quanto ela é contraditória, para ela o sujeito representado pelo pronome eu, que é gramaticalmente sempre o agente da ação nunca pode ser tu identificado como o divino.

GH de fato sentiu algum remorso em não reconhecer a vida presente na barata e em Janair ela coloca isso como ponto máximo, uma forma de redenção.

A revelação do amor também é uma revelação de carência. Assumindo a realidade, G.H. abandona a ideia de bondade e beleza estética, mas para isso precisou passar pelo inferno para poder reconhecer este outro modo de vida em que ela desconhecia, este modo profundo de amar que prescinde desse plano estético e a partir daí ela passa a reconhecer que sua vida anterior era exatamente o mal, pois era algo que ela idealizava e tinha esperanças de melhorias em sua vida.

Mesmo sem ser um livro de inspiração religiosa, G.H., ainda tem um aspecto epifânico. Ao degustar a pasta branca que escorre da barata morta pela mesma, ela faz correlações com o real e o divino, a força mística que nos move, a força impessoal que se manifesta levando G.H. a reintegrar-se ao mundo em que ela jamais pensou em fazer parte, uma visão civilizada.

Ao longo da sua narrativa, G.H. faz articulações entre memória e esquecimento, história e mito, linguagem e silêncio, enigma e mistério, relatando a sua experiência.

Assim, ler PSGH¹² significa renovar o ritual, ou seja, fugir da rotina, surpreendendo os leitores com uma escrita diferenciada, neste sentido o romance é caracterizado pela existência humana, segundo Alfredo Bosi “Um romance de educação existencial”¹³.

Fazendo, o leitor se questionar sobre sua própria existência, um tipo de aprendizagem literária, reconhecendo seus valores estéticos racionais.

Um sistema de pensamento em que a humanização se constitui na “aprendizagem de desaprender”:

Para que eu continue humana meu sacrifício será o de esquecer? Agora saberei reconhecer na face comum de algumas pessoas que - que elas esqueceram. E nem sabe mais que esqueceram o que esqueceram. Pág. 17

Para, “Nunes, em PSGH¹⁴ o estado de náusea “atinge o ponto máximo de existência”, além de ter “função espiritual marcante”. Esta experiência de náusea se aprofunda, abrindo para G.H. um leque de acesso a realidade.

Segundo o crítico o caráter de “ascese espiritual” aproximando-se da “união com o absoluto” que os grandes místicos do Oriente e do Ocidente visam alcançar, por meio de impressões sensíveis exteriores, da modificação dos desejos, e apaziguamento da mente, os quais levam “a perda da individualidade”, ao “deslocamento do eu individual e pessoal para o núcleo secreto da alma, que se comunica com o Ser e que é participe de sua existência universal ilimitada”

O clímax da obra acontece quando G.H. ingere a massa branca da barata morta, destacando a matéria como uma criatura primordial, esta provação em que a protagonista se submete, pois consiste no sacrifício da consciência, do questionamento do “Eu”.

Nunes refere-se a esta afirmação como “à imaginação poética da romancista, que a intenção especulativa revigora, apropriando- se de algumas

¹² LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

¹³ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. Cultrix, 1970. 44ª Ed, 2007.

¹⁴LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

intuições fundamentais, historicamente consagradas, do pensamento mítico religioso”¹⁵.

Assim como Lima, Nunes destaca o fato de, no romance, “uma complexa metamorfose interior espiritual” resultando em um pequeno acidente doméstico. Também ao ser ver a barata não se confunde com qualquer “entidade alegórica”¹⁶. A presença do animal aparece como símbolo para uma significação sobre o que seria a humanização, o real e o não real.

Outro ponto que o crítico destaca é o encontro da mulher que seria G.H. a da barata, consistindo na função da barata de introspecção na vida de G.H., obrigando-a, a penetrar em uma realidade repulsiva e fascinante se aproximando do grotesco.

O crítico vê o grotesco como “nota dominante” de toda experiência vivida pela protagonista, ligando-o à náusea: o contato físico por meio do qual o sujeito perde a distância que habitualmente separa objeto, o que faz com que a vista se decomponha e penetre aquilo que vê.

Neste sentido a obra exerce uma variação de conteúdos sobre diversos temas que abordam a linguagem e o conteúdo existencial, tornando isso um tema central a ser discutido.

Uma necessidade de expressão de autoconhecimento é o fator mais importante na linguagem de PSGH¹⁷. Isto é o que chamamos de introspecção da linguagem, abrindo dessa forma uma contestação sobre a realidade e a linguagem.

Assim, a metamorfose desta narrativa, seria a perda da identidade de G.H., e também a perda de identidade da narrativa criando assim um esvaziamento de alma da narrativa.

Chegando a uma conclusão o crítico sintetiza suas formulações:

É um paradoxo ecológico desse romance: a narração que acompanha o processo de desapontamento do “eu”, que somente pela narração consegue reconquistar-se. Por isso

¹⁵ NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁶ NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁷ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

mesmo, extrema-se aqui o drama da linguagem: a narrativa é o espaço agônico do sujeito e do sentido- espaço onde ele erra, isto é, aonde ele vai busca-o deserto e que se perde e se reencontra para de novo perder-se, juntamente como o sentido daquilo que narra, um processo em círculo, que termina para recomeçar, e cujo início pode não ser mais do que um retorno.¹⁸

Destacando a opinião de Nunes a respeito da “lente de aumento”, podemos afirmar que realmente funciona como uma visão de mundo extremamente abrangente, com a qual faz com que a protagonista desperte sentimentos e alucinações gerando dor e sofrimento na mesma. Levando-a a racionalidade sobre o sentido da vida, e os princípios de objetividades.

Presumi-se que a autora desta obra que seria Clarice Lispector provavelmente poderia ter lido outra obra que tem uma semelhança extrema com PSGH¹⁹, seria *Metamorfose* do autor Kafka.

Pois estes sentidos de duplicidade de personalidades humanas exercem o mesmo sentido nas duas obras, ambas se passam em um quarto contando suas experiências místicas e psicológicas.

A metamorfose nada mais é do que uma forma de expressar as confissões pessoais revestidas de alienações, pois é uma das características mais marcantes nestas obras, a ruptura do tradicional é essencial quando se destaca valores da sociedade tradicionalista.

Assim, em a PSGH²⁰ podemos dizer que a protagonista estava praticamente se metamorfoseando, passando por transformações psicológicas, passando a observar o mundo a sua volta, em uma nova situação.

Essa caracterização de ambiente melancólico e de angústias pessoais nos faz parar para refletir sobre nós mesmo.

¹⁸ NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

¹⁹ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

²⁰ LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H.**. Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

A narradora assim organiza esse caos existente em sua vida através da sua linguagem relatando sua experiência, fazendo questão de exprimir de forma paradoxal. A associação do quarto de Janair ao deserto remete, por outro lado, um local seco, hostil, árido que gera sofrimento e privação. A morte da barata só é capaz de fazê-la reconhecer a verdadeira condição humana de sofrimento.

A dor, o sofrimento, a melancolia, o ódio, a paixão, a arrogância e a ironia é a condição humana por excelência. Cheias de turbulências ela acaba descobrindo sua própria identidade, reconhecendo que o real era o que ela estava vivendo.

G.H. convida o leitor a acomoda-se para que possa acompanhar melhor o processo de caráter existencial, mas o leitor logo é advertido quanto ao que ira enfrentar e ao mesmo tempo é seduzido a entrar no mundo de G.H., mediante a exposição de fatores externos, que propiciarão o diálogo e uma cumplicidade maior entre o leitor e narradora.

No clímax da paixão, G.H. deixa de ser mero objeto para assumir a sua posição de vida existencial sendo autora do seu próprio destino. Esse questionamento existencialista mostra-nos que a paixão interpretada na obra de Clarice Lispector tem como ideologia, assim como uma faculdade de aprendizagem e evolução racional e não um sentimento universal definido como “romântico”.

A ardente inspiração de Clarice é exemplificada pelos enigmas, a qual revela ao leitor o desejo de reconhecimento de identidade, e nos faz resgatar os valores e princípios do próximo. Porém mesmo conhecendo muito sobre nos mesmos nunca chegaremos a uma conclusão final, pois permaneceremos um enigma eternamente. Contudo, o reconhecimento pelo pensamento é o ato da “paixão”, tornando condição necessária para existência humana.

A narrativa não pode ser interpretada por partes, pois a linguagem de Clarice Lispector ultrapassa os limites do discurso formal, gerando infinitas interpretações.

Segundo Paul Ricoeur no Livro Teoria da Interpretação. O texto enquanto todo e enquanto totalidade singular compara-se a um objeto que é

possível ver a partir de vários lados mais nunca de todos os lados ao mesmo tempo.(p.89)²¹

Portanto, nota-se que explicamos que a narrativa da personagem G.H. gera um fluxo de consciência sobre sua existência. Porém não conseguimos decifrar a linguagem, ou melhor, a intenção da autora Clarice Lispector, pois seu texto atribui vários sentidos que dependerá do exterior, que seria o leitor, segundo Ricoeur.

A referência exprime a plena exteriorização do discurso na medida em que o sentido não é só objecto ideal intentado pelo locutor, mais a realidade efectiva visada pela enunciação. (p.91)

²¹ Ricoeur, Paul. **Teoria da Interpretação**. Lisboa-Portugal: Edições 70: 1976.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contemplarmos a narrativa mítica de Clarice Lispector, percebe-se, envolto aos fatos fabulosos, que existem fagulhas de racionalidade. O ser humano sente necessidade da transcendência da realidade para se tornar capaz de satisfazer sua sede por algo infinito.

Ao realizarmos este estudo, só nos foi possível concluir e compreender melhor o universo do ser humano e suas inquietações em seu mundo paradoxal. E o livro a paixão segundo G.H., é considerado um romance de formação, pois a personagem principal não se encontra sozinha em seu mundo paradoxal. G.H. necessita do outro e esse outro é o leitor, apesar do romance ser um monólogo existe esse diálogo entre personagem e leitor. E o que nos chamou mais atenção foi essa introspecção que existe no mistério poético de Clarice Lispector.

Gostaríamos assim, de salientar a importância que esta obra teve para as nossas vidas e também para a literatura brasileira.

O propósito é fazer com que os leitores se interessem por esse tema não só com a intenção de ler, mais quem sabe utilizar como instrumento de pesquisa.

Nossa expectativa é para que haja maior conscientização por parte dos leitores a respeito desse tema e que a partir disso possa entender com mais clareza e objetividade os enigmas existentes na obra.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília. **O Leitor Segundo G.H.:** Uma análise do Romance “A Paixão Segundo G.H.”. – Cotia São Paulo: Ateliê Editorial.

LISPECTOR, Clarice. **A Paixão Segundo G.H..** Edição crítica coordenação. De Benedito Nunes. 2ª edição Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione Cultural, 1997.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector.** São Paulo: Ática, 1989.

SANT’ ANNA, Afonso Romano de. **O ritual epifânico do texto.** In: **LISPECTOR, Clarice. A Paixão Segundo G.H.** Edição Crítica. Coord. De Benedito Nunes. 2ª Ed. Madrid- São Paulo: ALLCAXX- Scipione cultural, 1997.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** Cultrix, 1970. 44ª Ed, 2007.

KAFKA, Franz. **A metamorfose.** Ilustrações: Ottomar Starke. Primeira edição: 1915.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro.** 3º Ed.- SP. – Cortes; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

RICOEUR, Paul.**Teoria da Interpretação.** Lisboa-Portugal: Edições 70: 1976.